

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Letras
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários

Historiografia Linguística dos conceitos e dos métodos nos estudos da linguagem

Prof. Dr. Sebastião Elias Milani

Introdução

Este projeto se pauta na ideia de que toda a sociedade está associada, nada no mundo funciona aleatoriamente. Tudo mesmo foi formado por um conjunto de elementos anteriores a si, e toda a produção sincrônica é fruto da ação diacrônica do conjunto anterior da sociedade humana, ou seja, nada e ninguém estão alheios ao que acontece no mundo.

Essa ideia vem de Ferdinand de Saussure que afirma no *Curso de linguística geral* que a língua é uma instituição eminentemente diacrônica. Ela também aparece em Peter Burke, que no livro *A escrita da história* afirma: “a nova história começou a se interessar por virtualmente toda atividade humana. Tudo tem uma história; ou seja, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado” (p. 11). Assim a Historiografia Linguística tem muitos parceiros, como a História, a Literatura, as artes, a Sociologia, a Filologia, a Psicologia, a Filosofia, toma emprestado de todas essas áreas algo técnico, porque promove uma revisão do documento.

Como tudo tem uma história, o objeto desse estudo também tem: os conceitos e os métodos dos estudos da linguagem. História essa que se configura da história de seu autor. O texto discurso, ou o livro, é uma máscara, ou um simulacro de seu criador. Então, a Historiografia Linguística se interessa em juntar o produto da ação dos grandes pensadores com os substratos históricos, sociais e intelectuais de sua gênese. Assim, seja qual for o produto (conceito ou método), ele se compõe da interdisciplinaridade que, em ulterior análise, são os espaços sociais em que se juntam muitos pensamentos. Logo, documento e linguagem tornam-se documentados e analisáveis pela diacronia, mas também se tornam uma única e singular obra completa pela sincronia.

Quando o historiógrafo-linguista se coloca diante do fato texto de ciência da linguagem, e faz uso de todos os recursos que o conhecimento humano pode lhe aprouver, o evento-texto deve ser reconstituído em todas as direções principiadas por uma hipótese ou questionamento. O relato dessa síntese é sempre uma história plena de narratividade, permeada por inúmeras narrativas, que explicam o conjunto inteiro da obra. Nesse ponto da síntese não há muita diferenciação entre fato e ficção, a verdade é um conjunto de pontos de vista, que sempre podem ficar muito mais complexos por novos fatos e ficção.

A grande preocupação do historiógrafo-linguista deve ser com as fontes construtoras do produto em questão. Pode-se verificar a incidência da formação do autor, enquanto nascido e formado em uma determinada região, pode-se verificar suas ideologias e traços psicológicos e sociológicos, mas o mais importante para qualquer obra científica, ressaltando-se que a Historiografia Linguística estuda monumentos da ciência da linguagem, são suas fontes diretas e indiretas.

Os conceitos são marcados por traços de formação diretamente assimilados de obras anteriores, defensores do pró e do contra aos conceitos são extremamente marcantes para o pensamento que realiza uma obra de caráter conceitual. Diretamente ou indiretamente, pode-se verificar a existência de gerações predecessoras que informariam conceitos afirmados e negados no seio da obra. Em resumo: nenhum cientista nasce sem ter sido orientado por outro cientista, ou instituição científica. Tais instituições se fundem numa rede de pensadores que organizam uma corrente lógica e estruturada da qual nenhum pensamento científico escapa.

No interior do texto, nas entrelinhas, estará a marca de interesses da enunciação, ao mesmo tempo o universo das crenças afirmadas ou negadas, e a concreta relação que ela tem com certos conceitos. Em muitos casos o regate de uma fonte de uma geração antiga resulta na oposição de uma fonte mais recente, que se origina na mesma fonte mais antiga, mas nesse caso será quase sempre por uma visão oposta ou revisadora. De todo modo, não há fonte velha ou nova para a obra científica, em específico para os estudos da linguagem, que são muito antigos, o aprendizado é sempre novo, porque toda vez que se recupera uma obra antiga é pelo prisma de uma revisão datada de outras revisões anteriores, então sempre nova e sempre renovadora.

1. Justificativa e Metodologia

Os discursos são dependentes de seus predecessores e não há possibilidade de interpretar um discurso isolado e afastado da história. A compreensão de um texto depende de conhecer o jogo de memórias e de formações ativadas naquele contexto, ou seja, nenhum discurso é independente. Do ponto de vista de sua enunciação, nenhum discurso é ruptura, a fórmula da competência linguística humana prevê o aprendizado formativo, ou seja, os conceitos sempre são transmitidos de uma geração a outra. Em síntese, para produzir discurso é preciso passar por uma estruturação linguística antes: é preciso dominar a fórmula existente, para constituir uma dissidência.

O método, evidentemente, é reflexo e refração da historiografia linguística do indivíduo. Dessa forma, o componente mais importante do método é o próprio indivíduo. Acima de tudo, para conhecer alguém é importante saber sua origem. Todos os seres humanos sempre são partes integrantes de uma época e de um lugar. Esses fatores são inalienáveis a qualquer ser pensante.

Quando é estudada uma obra: um romance, um poema, um livro científico, ou um texto sincrético, é marcante a relação entre a forma e os elementos que compõem a obra com o fator época da produção. A partir da época podem-se prever características básicas de sua composição. Deve-se pensar que na formação do método individual, artístico ou científico, muitos fatores atuam, entre eles, os fatores tempo e lugar de composição da obra se apresentam entre os mais importantes.

Os fatores pertinentes à formação dos métodos se agrupam em duas categorias: aqueles que só tiveram pertinência para aquele indivíduo e aqueles que podem ser generalizados para um grupo. Algumas influências ocorrem distintamente e outras ocorrem em conjunto entre si. Assim, as personalidades estão expostas a essas implicações externas, a elas devem ser aplicadas as implicações internas aos indivíduos, ou seja, cada um dos seres humanos aprende e desenvolve paixões de modo particular e único.

Tomado o método como marcado por regularidade num estudo linguístico, seja esse estudo focalizando um autor, uma obra, uma época, um movimento, uma língua, ou um país, ele é a estruturação linguística de todos os elementos sociais envolvidos, inclusive os sentimentos predominantes. É certo que é muito mais simples conhecer o método de um ser humano ou de uma obra, que o de uma língua ou de um país. De qualquer forma, qualquer ser humano é capaz, empiricamente, de estabelecer diferenças

entre dois indivíduos, duas obras, duas épocas, dois movimentos, duas línguas, ou dois países.

O contexto social em que a obra foi produzida determina a direção em que os conceitos foram concebidos. No entanto, as obras apresentam outras características metodológicas, além daquelas determinadas pelo tempo e o espaço social. A historiografia linguística de uma sociedade é feita, acima de tudo, pelo conjunto dos indivíduos que a compõem. O indivíduo, na perspectiva contínua da História, tem uma independência sociomoral e psicológica. Dessa forma, a mesma carga semântica tem efeitos e resultados, sincrônicos e diacrônicos, diferentes em cada membro de uma sociedade. Isso por força de fatores tipicamente individuais: sensibilidade a certo tipo de situação, inteligência, fragilidade, agressividade, afetividade, sinceridade, coragem, autoestima e, principalmente, competência na manipulação do discurso a ser produzido.

O método se compõe de elementos socioculturais que se interseccionam. Historiograficamente se compreende que a realidade é social e linguisticamente manifestada. Assim, elementos da história e da arte se misturam com elementos filosóficos e científicos. Na mente do indivíduo esses elementos passam por um tratamento único, ligado a cada idiossincrasia. O discurso de um indivíduo é igual nos conceitos aos de seus contemporâneos, compatriotas, confrades etc., mas no método é único e específico. É um retrato do interior psíquico-moral de um ser inteligente. Artístico, científico ou casual, o discurso produzido revela na exata medida os conceitos da sociedade em que o indivíduo esteja locado, bem como as particularidades do método criado.

“A sociedade se comporta como se fosse um organismo vivo, em que todas as partes estão interligadas. Assim, todos os setores da vida humana participam dessa organização e, acima de tudo, são influenciados por todos os outros setores coexistentes. Desse modo, acontece uma sobreposição na mente dos indivíduos de todos os elementos culturais envolvidos na organização da sociedade, que incidem em todas as novas manifestações culturais científicas ou artísticas, de modo que qualquer manifestação que surja numa determinada época é sempre a materialização de algum conceito sob a perspectiva dos outros fatores que integram a mesma época” (MILANI, 2011, p.7).

Essa continuidade e descontinuidade das gerações são sumamente necessárias: somente através do valor que uma geração anterior tem para as posteriores é que se pode medir sua importância no curso da humanidade. É essa realidade que coloca a humanidade em suas gerações sucessivas em períodos mais fáceis ou mais difíceis de atravessar, o que contribui para avanços sociais. Essa inquietude, que joga parte desses conceitos no desconhecido e no inexplicável, é importante para a formação da individualidade, porque gera um fascínio pelo passado e pelo futuro. A Historiografia linguística se preocupa com a participação das individualidades não centrais na construção do pensamento coletivo. Em específico, a Linguística não pode abrir mão do empírico testado no falante, e esses conceitos são profundamente produtivos metodologicamente.

Quando se considera a perspectiva de que o cientista é o resultado da manifestação dos objetos e das ações culturais e físicas do mundo, tal qual o artista, o homem comum etc., o cientista tem seu discurso sempre alavancado pelas questões essenciais da sociedade. Portanto, seus objetos de estudo vão permear os anseios da humanidade e sempre serão respostas para um questionamento comum a todos, orientadas pelo conhecimento já disponibilizado. O fato de em certas obras a resposta a tais anseios parecer mais clara, Bakhtin na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* responde que a estrutura social se alimenta da superestrutura, que os conceitos não são realizados instantaneamente, mas perduram no interior da superestrutura até que se condensam e são tornados estrutura por um pensamento.

O que é diferente em cada um dos falantes de uma língua é seu método. Cada um deles tem uma história de vida que não se iguala a ninguém mais. Os elementos sociais, assumidos via língua, sofrem a ação da recepção desses elementos, o filtro está em vários pontos, mas todos são da natureza da historiografia individual. Logo o que é refratado por um indivíduo é o conjunto dos valores socioculturais que existem na língua, mas a resposta corresponde em cada um dos falantes à medida da distância social, espacial, temporal e psíquica, que estiver da ideologia representada. Assim, a resposta que um indivíduo dá para a sociedade em qualquer questão depende do arranjo historiográfico-linguístico de sua existência.

Nos dizeres de Emile Benveniste, é a relação com o mundo exterior ao linguístico que gera a atualização da língua. O indivíduo conta com suas experiências diárias para incorporar substâncias à língua, o armazém de conhecimento. O indivíduo refrata o armazém, mas se encontra individualizado no mundo das coisas pela matéria

de seu corpo físico. É da relação de seu físico com tudo que é sensível, que ele, indivíduo, estrutura sua experiência individual, com a qual contribui para o armazém.

Objeto

A partir dessa conceituação são estudados os conceitos linguísticos e os métodos individuais nas obras produzidas como ciência da linguagem. A primeira lista ficou restrita ao século XX, porque esse era o tema do objetivo geral, mas o projeto já está em seu sexto ano, entrou em sua fase final, será concluído no ano de 2014, apresenta desdobramentos para outros objetivos.

3. Objetivos

- Demonstrar historiograficamente os objetos de estudo e as metodologias na pesquisa sobre linguagem no século XX.

- Demonstrar a continuidade entre os conceitos de língua e linguagem desde os gregos até a modernidade.

4. Cronograma

O projeto se estenderá até dezembro de 2016.

Orientações:

Graduação: Iniciação Científica, Bacharelados e outros;

Pós-Graduação: Mestrados e Doutorados.

Publicações:

- 2009 – primeiro curso na pós-graduação em Linguística: Síntese Historiográfico-linguística dos conceitos e dos métodos de estudos de linguagem;

- 2010 e 2011 – publicação de três livros sobre Ferdinand de Saussure, sobre Wilhelm Von Humboldt e William D. Whitney;

- 2011 – segundo curso na pós-graduação em Linguística: Historiográfico-linguística dos conceitos e dos métodos de estudos de linguagem de Wilhelm von Humboldt;

- 2012 – segundo curso na pós-graduação em Linguística: Síntese Historiográfico-linguística dos conceitos e dos métodos de estudos de linguagem;

- 2014 – terceiro curso na pós-graduação em Linguística: Síntese Historiográfico-Linguística dos conceitos e dos métodos de estudos de linguagem;
- 2016/primeiro semestre - publicação do livro: Síntese Historiográfico-linguística dos conceitos de língua e linguagem;
- 2016/segundo semestre – último curso na pós-graduação em Linguística: Síntese Historiográfico-linguística dos conceitos de língua e linguagem: século XX.

5. Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e poética*. Rio de Janeiro, Ediouro, coleção Universidade.
- *Organon: Catégories e de l'interprétation*. Paris, J. Vrin, 1946.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1995.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística Geral I e II*. Campinas-SP, Pontes, 1995. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri.
- BURKE, Peter. (org.) *A escrita da História*. São Paulo, UNESP, 1992. Trad. de Magda Lopes.
- *A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo, EDUNESP, 1991. Trad. de Nilo Odália.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro/ São Paulo, Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.
- *Sincronia, Diacronia e História*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1979. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.
- *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.
- DARNTON, Robert. “História, eventos e narrativa”. Em: *Varia Historia*. Belo Horizonte, v. 21, n. 34, 2005, p. 290-304.
- *Boemia literária e Revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. Trad. de Luís Carlos Borges.
- *O lado oculto da Revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. Trad. de Denise Bottmann.
- DOSSE, François. *Historia do Estruturalismo: o campo do signo*, v. 1. Bauru, Edusc, 2007. Trad. de Álvaro Cabral.

- FALCÃO, Francisco. *Iluminismo*. São Paulo, Ática, 1994. Série Princípios.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo, Ática, 2000.
- GREIMAS, A. J. e COUTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo, Cultrix, 1979.
- HJELMSLEV, Louis. *Essais linguistiques*. Paris, Minuit, 1968.
- HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas - Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular*. Barcelona, Anagrama, 1972.
- *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona, Anthropos, 1990, 1ª. ed. Traducción y prólogo de Ana Agud.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo, Civitá, 1983. Trad. de Valeiro Rohden e Udo Baldur Moosburger.
- KOERNER, Konrad. *Toward a Historiography of linguistics*. Amsterdam, John Benjamins B. V., 1978.
- KUHN, Thomas S. *O caminho desde a estrutura*. São Paulo, Ed. UNESP, 2000. Trad. de Cesar Mortari.
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento*. São Paulo, Abril cultural. Coleção os Pensadores.
- MILANI, Sebastião Elias. *Aspectos Historiográfico-Linguísticos do século XIX: Humboldt, Whitney e Saussure*. São Paulo, Paco editorial, 2011.
- *Historiografia Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia, Kelps, 2011.
- *Historiografia Linguística de Wilhelm Von Humboldt*. São Paulo, Paco Editorial, 2012.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática*. São Paulo, UNESP, 2002.
- PLATÃO. *Diálogos: Sócrates e Crátilo*. Coleção Os pensadores.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 1995. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.